

Foi amanhã¹

João de Mancelos

Dois contos do livro

O espécime distante

Lembro-me dele, sim. Visitávamo-lo com alguma regularidade, normalmente no último dia de aulas, antes das férias. Por vezes, também num ou noutra feriado, levados pela mão dos nossos pais. Desde há muito que ele se transformara na principal atração do Museu de Espécimes Horrendos. E não era apenas por ser o último monstro ainda vivo — Nero, Hitler e Estaline estavam representados por inócuas e desinteressantes figuras de cera. Acima de tudo, aquela era uma criatura *não* terrestre, a única até então conhecida. Assim, havia um misto de fascínio e terror que nos impelia a espreitá-lo.

Os professores tinham dificuldade em controlar-nos, à medida que entrávamos no anfiteatro escuro.

- Sentem-se e fiquem quietos.
- Crianças, crianças, então? Pouco barulho!
- Paulinho, larga já as tranças da Catarina!

Contudo, até mesmo os adultos manifestavam um injustificado nervosismo. Com paciência, o velho guarda coxo advertia:

- Senhores, não é permitido tirar fotografias. A pele do espécime é sensível aos *flashes*.

Após alguma insistência, todos se acomodavam. A luz começava a desaparecer, paulatinamente, dando lugar a uma agradável semiobscuridade; a cortina do palco subia. A pulsação aumentava. À boca de cena, havia uma jaula circular, semelhante à usada pelos domadores de leões, mas mais exígua. À medida que os olhos se habituavam à iluminação discreta, distinguíamos a criatura. Os vindos pela primeira vez tinham uma reação curiosa. Influenciados por quilómetros de filme animado ou por produções fantásticas, sonhavam com um monstro medonho, uma bizzarria enorme e agressiva. Tudo menos aquele corpo franzino, cabisbaixo, descolorido. Esperávamos, talvez, que ele se rebolesse pela cela, pedisse comida, fizesse alguma habilidade ou gritasse impropérios numa língua desconhecida. Porém, raramente se movia, como se fosse um daqueles homens estátuas, pintados de branco, que se exibem nas

¹ Mancelos, João de. *Foi amanhã*. Lisboa: Vega, 1999. 146 pp. ISBN: 972-699-632-5.

praças e só mudam de posição quando alguém lhes oferece uma moeda.

Lembro-me de refletir inúmeras vezes sobre o assunto. Que sentiria a criatura na cela, hora a hora, ano após ano? Indiferença? Tédio? Solidão? Remorsos?

Exatamente um minuto depois do pano se afastar, um locutor em voz *off* explicava:

— Bem-vindos ao Museu dos Espécimes Horrendos. A criatura que veem é o último habitante do planeta R-12, situado a vinte e cinco anos-luz da Terra. Foi encontrado em 2083, por uma expedição dirigida pela comandante paquistanesa Raina. Desconhece-se o seu nome, profissão ou mesmo idade. Tem pouco mais de um metro de altura, dois braços e três membros locomotores.

Neste instante, havia sempre alguns risinhos. Os professores levavam os dedos aos lábios e repunham a calma.

A conversa gravada prosseguia:

— A sua pele é clara e sensível à luz. O mundo donde veio é pouco iluminado. Daí também a baixa temperatura desta sala. Os primeiros estudos sobre o ser revelaram que é capaz de articular palavras e até frases extensas. Os linguistas tentaram decifrar, sem êxito, o seu idioma. Há já um número considerável de anos que não emite sons. Alimenta-se exclusivamente de vegetais. Irão ver, em seguida, algumas imagens do seu planeta.

A curiosidade agudizava-se. Na parede-vídeo do anfiteatro aparecia um filme de cores desbotadas e sem som. Mostrava um mundo deserto, a areia enrolada no vento. Noutra sequência, as ruínas esfareladas de edifícios, feitos em tijolo. Durava apenas alguns segundos. A seguir, surgia uma dúzia de objetos, bem iluminados e dispostos numa estante, cada um deles com uma etiqueta.

A voz *off* recomeçava:

— Estas imagens foram colhidas pela equipa da comandante Raina. A qualidade é fraca, devido às condições do planeta e à radioatividade.

Neste ponto, lembrava-me de o meu pai me ter contado como os doze exploradores haviam ficado cancerosos, na longuíssima viagem de regresso, a bordo da nave. Uma das mais sinistras tragédias da saga espacial. O locutor prosseguia:

— Calcula-se que fosse uma civilização avançada, baseada em duas únicas cidades. Em dado momento da história de R-12, um conflito opôs as metrópoles. A guerra foi feita com armamento nuclear. A primeira povoação encontra-se devastada. A segunda apresenta ainda edifícios bem conservados.

Seguiam-se imagens de torres esguias e pontiagudas, quase sem janelas. Algumas interferências depois, a câmara mostrava uma cavidade. Luzes fortes. Um corredor longo. Mais interferências. Uma porta circular. Interferências, outra vez.

— O espécime foi encontrado num abrigo subterrâneo, graças a um detetor térmico. Não se conhece a existência de mais nenhuma criatura. O professor Roberto Castillo, da Universidade Central Venezuelana, apresentou, em 2106, uma teoria hoje comumente aceite. Acredita que a criatura foi a principal responsável pelo desencadear do combate. Seria um líder político e militar que por motivos desconhecidos atacou a cidade vizinha. A sala onde foi encontrado estava revestida de chumbo e bem abastecida de víveres, o que comprova a sua importância na hierarquia social. O ato bélico teve como consequência a extinção de toda a vida no planeta e alterações profundas na atmosfera.

Imagens aéreas, feitas em órbita, mostravam bairros destruídos, rios secos, florestas de árvores mirradas e enegrecidas, os arbustos reduzidos a carapinha, dunas de destroços. E o comentador concluía:

— A equipa fez um trabalho científico rápido e superficial. A doença obrigou os exploradores a regressarem. Nenhum sobreviveu. O planeta R-12 não voltou a ser visitado.

Há algum tempo, a minha professora tinha-me dito que a viagem até lá era excessivamente longa e dispendiosa. Nenhum tripulante sacrificaria uma dezena de anos, à velocidade da luz, para chegar ao destino, e outros tantos no caminho de volta. Além disso, o subsídio que o governo concedia à exploração espacial era cada vez mais reduzido.

Com efeito, o interesse decaía. Mesmo os exobiólogos, desesperançados de encontrarem mais alguém naquele mundo distante, apenas ansiavam pela morte da criatura. O cadáver poderia oferecer pistas interessantíssimas sobre a relação entre aquele ser e habitat do planeta.

Há vinte anos, o extraterrestre fora um símbolo único da cidade: bonecos de borracha, postais, porta-chaves, pósteres, *t-shirts*, etc. Porém, com o tempo, o espécime passara de moda e mesmo as escolas iam perdendo o interesse. Muitos miúdos conheciam de cor o documentário, murmurando as palavras à medida que o apresentador narrava os factos. Tudo eternamente igual. Apenas o guarda do auditório faleceu, um dia.

— Diz-se que ele falava com a criatura, nos intervalos! Por telepatia! — contara-me, uma ocasião, a mentirosa da Maria. Estou mesmo a vê-la, gorducha e sorridente, com ar sabedor, piscando-me o olho. Por qualquer motivo, calhava-me sempre a mim dar-lhe a mão, suada e escorregadia, quando enfileirávamos para o auditório.

Apenas um grupo permanecia sofregamente interessado na exploração do planeta: os arqueólogos. Conheci alguns deles na Universidade. Jovens entusiásticos, capazes de apresentarem listas de argumentos, defensores ao rubro de uma expedição científica que, por vontade deles, teria lugar no dia seguinte.

— Levaremos fatos antirradiação. Começamos por fazer um levantamento cartográfico

geral. Dividiremos o planeta em zonas. Depois, cada grupo pesquisa uma. Já imaginaste? A quantidade de artefactos que podemos encontrar!

— E livros! — adiantava outro. — Uma civilização nuclear deve ter livros!

— Uma língua a decifrar — adiantava um filólogo do quarto ano, de óculos espessos.

Conversas infindas, naquelas noites abafadas de verão. Sentava-nos na relva do *campus* ou nos capôs dos todo-o-terreno. Fumava-se de tudo, bebia-se cerveja quente e combinavam-se interlúdios amorosos. No entanto, eu tinha fama de ser metida comigo mesmo.

— Uma miúda gira, mas de poucas falas — dissera-me em tempos o Miguel, o nosso poeta de serviço, enquanto tentava por todas as formas acariciar-me debaixo da camisola.

Mesmo tímida, levavam-me sempre para as discussões deles e faziam questão de saber por quem eu torcia:

— Que achas, Cátia? Tenho ou não razão? Podemos revitalizar a atmosfera?

Eu encolhia os ombros. Não era uma especialista. Apenas uma estudante de jornalismo bonita, um rosto no friso de amigos. Mas as nossas noites eram belas e longas, éramos jovens para sempre, e sentíamos-nos amados pelos deuses. Que me preocupava um ponto desfocado e distante no céu de verão, carcomido de estrelas?

Quando a criatura começou a definhar e faleceu, num Inverno escuro, quase não liguei. Os canais urbanos dedicaram-lhe trinta segundos no fecho da edição. Estava algures no sul do país, a tentar descobrir um rumo à minha existência.

— A vida amorosa de um caracol é mais agitada do que a tua — dissera-me um amigo. Enfim, durante dois ou três anos não voltei a lembrar-me do espécime. Até ao dia em que conheci o António.

Nesse Outono, vivia eu numa vilória serena à beira-mar. Concluía o curso havia três anos, e largara um emprego monótono numa revista de moda e temas afins — nada que me deixasse demasiadas saudades. Com as economias tencionava dedicar-me a escrever, durante um ano, aquilo a que já todos os amigos chamavam “o meu romance”.

Dia após dia labutava, em frente ao processador de texto, procurando construir personagens memoráveis, descrever espaços tão realistas que puxassem o leitor para dentro da ação, elaborar diálogos naturais, encontrar um enredo único. Únicas pausas: ao fim-de-semana, para dar umas voltas de jipe pela região, e manhã bem cedo, rente à orla, em busca dos salvados da maré anterior. Às vezes quedava-me, ao fim do dia, a observar da varanda os restos esmaltados da penumbra. Vi os felinos a deambular pelos telhados circundantes. Roçavam-se nos torsos das chaminés, à procura do aroma do pão-de-mel e das panquecas. Quando vieram as monções, abandonei o meu posto. Esfriava. Punha-me, então, a recolher os tarecos das vizinhanças. Dava-lhes as sobras de leite e restos das refeições. Uma tarde deparei com o

Napoleão — o pelo ruço e nédio, e uma coleira, dessas que têm gravado o endereço. Telefonei ao dono, um tal António. Combinámos encontrar-nos num bar, junto à praia.

Acomodei o bichano, que estava irrequieto, pressentido a chegada do dono, num cesto de vime, com um cobertorzinho azul-bebé. O António foi pontual, aparecendo num automóvel pequeno e restaurado. Era alto, magro, com um porte quase atlético, de cabelo castanho-claro, longo, apanhado num carrapito. Trazia uma *sweatshirt* enorme, de uma universidade que abandonara a meio do curso, para se dedicar à arte. Explicou-me, no decorrer da conversa, que se sustentava como pintor e músico não profissional. O que me impressionou, no rol de talentos, foi dom da palavra.

— Cátia — sussurrou-me. — Gosto de ti. O modo como falas. A delicadeza com que em cada gesto penteias uma madeixa atrás da orelha, o aro de prata, a curva do teu pescoço. Devíamos ver-nos mais vezes.

Na altura, ri-me e pensei a quantas mulheres dedicara ele semelhante discurso, mas não o apreciei menos por isso. Marcámos encontros futuros, na esplanada deserta, onde o bêbedo da vilória era uma presença tão habitual quanto a de uma mesa ou chávena.

Era inevitável apaixonarmo-nos. Se tal não sucedesse, sentir-me-ia como uma péssima atriz, prestes a desiludir a audiência, frustrar o realizador e trair o argumentista. Tudo batia tão certo. Ao fim de um ano, vivíamos juntos. Eu aceitara fazer as vezes de crítica literária e sobrevivíamos. No Inverno seguinte, a Nádia nasceu. Uma bebé perfeita, com uma tez e traços dignos de uma película em *technicolor*. Éramos pacatamente felizes.

E tu crescias, Nádia, ausente e metida contigo mesmo. Quando a professora nos chamou à escola e contou que não brincavas com as outras crianças, não fazias os trabalhos e por vezes adormecias na aula, compreendemos que algo corria mal:

— Uma forma muito leve de autismo — dissera-nos a psiquiatra. — Há terapia, obviamente, mas...

No caminho de casa, nem uma frase. Chovia. Gotículas que o para-brisas teimava inutilmente em afastar. Procurei concentrar-me em qualquer coisa. As luzes traseiras do camião da frente. A melopeia de estações confusas, no rádio. Disfarcei, não fosses aperceber-te que o problema eras tu. Jantámos em silêncio, nessa noite, ensimesmados. Demos-te a tua sobremesa favorita. Aconchegámos-te. Ninguém se lembrou de te ler uma história. Não pediste. No íntimo sabias tudo, telepática miudinha de olhos cinzentos. À noite, finalmente sós, lancei-me nos braços do António e chorei.

A terapia passava pelo desenvolvimento da comunicação funcional, das habilidades adaptativas, do contacto com os outros. Adquiri vários jogos estimulantes: bonecas anafadas que podias vestir e despir, *puzzles*, jogos de construções, Um dia, na loja de brinquedos local,

encontrei alguns bonifrates de borracha, remetidos para um canto da prateleira. Representavam o extraterrestre do museu. Estavam em saldo, acabei por comprar dois, por graça: um, para ti; outro, para o António pôr no ateliê do sótão. Sentadas no chão, à chinesa, ao desembrulhá-los.

— Como se chama ele, mãe?

— Ninguém sabe. Veio de outro mundo. Costumava ir visitá-lo ao museu, tinha eu mais uns palmos do que tu.

— Quer dizer que existiu mesmo?

— Claro.

Contei-te a história, ajudada pelo papá. Engraçaste com a criatura, definitivamente. Era um dos teus poucos amigos, à exceção do Bolhinhas — o peixe vermelho. Ainda me recordo de quando trouxe para casa o aquário. Durante um par de dias, tu e o peixe espiavam-se mutuamente, numa furtividade ímpar. Às vezes, eras tu que aparecias por debaixo da mesa, o rosto confundido na sombra e o fitavas. Outras ocasiões era ele, na sua coreografia de barbatanas, fazendo o circuito do aquário em golpes esquivos. Não raras vezes, durante uns bons quinze minutos, ignoravam-se, presunçosamente. Tu, entretida com o extraterrestre. Ele, espiando por entre uma floresta de algas de plástico. No entanto, depois, estendas a mão e acariciavas o aquário. O Bolhinhas respondia com um certo capricho. Contorcia-se com desdém e enfileirava rumo aos braços de coral. Retiravas os dedos do vidro, desapontada. Voltavas-lhe as costas e metias-te num canto:

— Mãe, o extraterrestre não tinha amigos?

— Não sei. Havia um guarda muito velho, no Museu — hesitei. — Talvez eles conversassem.

— A minha professora está sempre a tentar arranjar-me amigos.

— Isso é bom...

— Acho que sim.

Pernas cruzadas, cerraste os olhos, com força. Não chegaste a ver o Bolhinhas a sair do seu refúgio. Num dos dias seguintes descobriste aquela habilidade. Chamaste a miúda do segundo andar e mostraste-lhe o truque. Quando beijavas o aquário, o peixe fugia. Porém, um instante depois, atrás do vidro transparente, no preciso local onde os teus lábios tinham estado, o peixe encostava a boca. Repetiste a peripécia vezes sem conta para eu e o António vermos.

Notámos que, pouco a pouco, te tornavas mais comunicativa. Um domingo à noite, António chamou-me até à janela. Brincavas com uma criança, no parque. Era já tarde. Porém, não te chamámos. Regressaste de rosto rubro, feliz. Eras fininha como um lápis e deslumbrante à tua maneira. Em breve, os miúdos começaram a notar-te. Telefonemas, encontros, festas de

anos. Um dia, pediste-me para embalar uma série de bonecas.

— Podem ir para a cave. Coisas infantis.

Porém, o espécime ficou.

Naquela noite, o miúdo do décimo andar convidou-te a ir ao cinema, com um deliciosamente atrapalhado. Aceitaste, felicíssima, ainda mal ele tinha terminado a frase, bem menos tímida do que ele. Espreitei-vos, quando saíram do prédio. Tu e ele, mão na mão, afastavam-se, pressurosos.

Abri a janela ao aroma morno do final do verão, a cheirar à chuva da noite anterior, da terra húmida e dos pessegueiros do quintal. Recordei-me dos tempos da universidade, das infundas noites de cerveja quente, das conversas sobre mundos longínquos, dos amantes que se beijavam nos jardins do *campus*, de como o Miguel salvaria o mundo com uma rima perfeita, e do romance que me traria o êxito — e que nunca terminei.

Numa cadeira de literatura, lera um conto de J. D. Salinger, em que o narrador afirmava: “Tudo o que fazemos é ir de uma área sagrada para outra”. Fechei a persiana e contemplei a noite. Sobre a copa dos pessegueiros, no negrume, brilhava a luz difusa e distante de R-12.

Jogos bárbaros

Há já duas luas que fugíramos da cidade. Em tempo terrestre, tal equivaleria a apenas alguns dias: cinco ou seis. Porém, a planura azul parecia continuar a espreguiçar-se à nossa frente, sem que encontrássemos povoado ou vivalma. Por vezes, Vera apontava uma ou outra ave-réptil, dessas que em Berenik parecem surgir do nada para se abater sobre os nómadas.

— O equivalente terreno a abutres — disse ela.

Acoitámo-nos atrás de uma rocha magnética. Por qualquer motivo, as aves-réptil nunca se abeiravam dessas pedras escuras que, de quando em quando, irrompem na planície.

— Tenho uma teoria — anunciou Vera. — Para mim, estes passarocos são guiados pelos ímanes polares. Isso explica porque se afastam das rochas como o diabo da cruz. Os seus sistemas de orientação ficariam momentaneamente descoordenados, se se aproximassem.

Vimo-los afastarem-se, em círculos cada vez mais lassos, até desaparecerem acima da camada de nuvens.

— Achas que ainda voltarão?

Vera abanou a cabeça:

— Não o creio, Jim. Repara que faltam apenas uma ou duas horas para o anoitecer...

Vera explicou-me que as aves-réptil não eram selvagens. Aquela curiosa mistura de falcão e serpente era, efetivamente, criada pelos senhores feudais de Berenik. Nos seus castelos

em forma de «v» apontado ao céu, havia mestres incumbidos de treinar as aves. Ao contrário da maioria dos pássaros, o seu olfato era de tal forma apurado que conseguiam cheirar sangue humano a várias centenas de metros de distância.

— Parece saber bastante sobre Berenik — comentei. — Quantas vezes foste puxada para cá? — eu sabia que nenhum dos Malditos gostava de mencionar o assunto. Arrependi-me mal pronunciei a última sílaba da questão.

Vera encolheu os ombros:

— Esta é a minha quarta vez em Berenik.

— E safaste-te sempre?

— Não. Fui apanhada uma vez. A primeira — respondeu com voz sumida.

— Isso é frequente. Em Vespa também me aconteceu o mesmo — mostrei--lhe os cotos do mindinho e do indicador. — Eles são severos, nos castigos. Que te fizeram os Berenikianos?

Vera baixou o olhar:

— Violaram-me.

Seguiu-se um silêncio fundo. Uma iguana — ou qualquer coisa que a ela se assemelhava, passou à nossa frente, pachorrenta.

— De qualquer das formas, — acrescentou ela — tudo é preferível à punição da roda.

Assenti:

— Tive um amigo, o Edward, que foi submetido à tortura da roda, há duas estações atrás.

— Que lhe aconteceu? — indagou Vera.

— Os músculos rebentaram. Quando o pessoal da Terra conseguiu criar uma porta de transferência, para o trazer de regresso ao planeta, o Edward estava quase enlouquecido pelas dores. Foram necessárias injeções de morfina de duas em duas horas.

Vera mordeu o lábio inferior. Acrescentou, num sussurro:

— Acontece aos melhores...

E ambos sabíamos que era verdade. Nunca conheci nenhum Maldito que chegasse vivo ao meio século de idade. Eu próprio já tinha quarenta anos e considerava-me particularmente feliz por ter sobrevivido a tantas chamadas.

Recomeçámos a caminhar. Com um pouco de sorte, poderíamos atingir as montanhas antes de o último dos dois sóis se pôr.

— Mas, às vezes, — balbuciou Vera — julgo que é preferível morrermos a prosseguirmos esta charada estúpida.

— Já foi uma ideia que me passou pela cabeça. Mas, repara, com o tempo, habituamo-nos.

— Habitamo-nos? — riu-se ela tristemente. — Alguém se consegue moldar a este tipo de vida? Num instante estamos na Terra, a preparar o pequeno almoço; no momento seguinte, uma força desconhecida retira-nos do nosso espaço e do nosso tempo e coloca-nos como presas num planetoide qualquer... Então, os senhores da galáxia caçam-nos, torturam-nos, violam-nos. Nós somos seres inteligentes, não animais!

— Temos de ter esperança, nota que os cientistas...

Vera soltou uma gargalhada:

— Os cientistas pouco se preocupam connosco, Jim. Em doze anos, a única coisa que inventaram foi o «biometron», aquele detetor medíocre. Na minha terceira chamada, consegui enviar um código de SOS através do aparelho. Só passado meio dia é que me localizaram e tiraram de Kresta...

— Já estiveste em Kresta? Dizem que é o pior dos lugares!

— Sim — confirmou ela. — Mas deixa-me continuar, Jim. A desculpa mais credível que arranjam foi esta: Vera, as luas emitiam tantas radiações que nos foi impossível criar uma porta de transferência de imediato. Quando o pudemos fazer, já tu estavas noutra coordenada — riu-se nervosamente.

Abanei a cabeça. Histórias como aquela eram infelizmente comuns.

Vera ergueu as sobrancelhas e suspirou:

— Às vezes julgo que ninguém na Terra se importa verdadeiramente connosco. Nós, os humanos, somos a raça imperfeita, a carne para canhão, a caça para os senhores de toda a galáxia.

— Eu sei. No entanto, acredito que alguém, algum dia, vai conseguir libertar-nos deste pesadelo.

— Cala-te! — Vera puxou-me pelo braço. Instintivamente, agachei-me. A apenas alguns metros de distância, um vulto arrastava-se.

— É um guiano? — sussurrou-me Vera.

Assenti. Reconheci-o de imediato, pelas escamas no dorso. Os Guianos, tal como os humanos também eram passíveis de ser chamados para os jogos de caça planetários. Porém, não se mostravam presas agressivas, nem velozes. A sua docilidade era quase servil e só devagar serpenteavam para fugir pelas areias grossas daquele planeta. Por isso mesmo, não constituíam um grande desafio nas caçadas: os Berenikianos preferiam espécimes mais competitivos.

Aproximámo-nos, com cautela.

— Guiano, viemos em paz...

A criatura perdera quase todas as suas escamas protetoras. Deveria ter-se arrastado durante quilómetros pela planície. A delicada pele que se seguia as escamas apresentava-se

irritada e até ferida, nas zonas de maior fricção.

— Olha! — apontou Vera — É uma fêmea.

Ajoelhou-se junto a ela. Eu entreguei o meu cantil à Guiana. Quando entreabriu os olhos e viu que éramos terrestres, suspirou com alívio.

A Guiana bebeu com sofreguidão. Depois, gemeu um pouco e estendeu a curta pata para a minha adaga. Vera e eu trocámos um olhar compreensivo.

— Ela não sobreviverá a mais uma noite de secura e sabe Deus há quanto tempo já se arrasta pela planura... Que achas, Jim?

Descaí o rosto, num assentimento:

— É preferível terminar-lhe os dias.

Peguei na minha adaga e desferi o golpe de misericórdia. A Guiana fixou-me ainda um instante, com a gratidão no olhar. Depois, num último espasmo de dor, encolheu-se, como fazem os bichos de conta, e morreu.

Com a ponta da adaga, desenhei na terrça azul o símbolo do «H», o equivalente Guiano a uma cruz.

Vera aproximou-se, segurou-me no braço e persignou-se. Não me recordo qual de nós murmurou:

— Descansa em paz.

Apenas sei que aquela Guiana representava todo o pesar dos Malditos, e que a carpíramos brevemente como se fosse um filho.

Chegámos às montanhas passado uma breve hora. Todo o caminho foi feito no mais solitário dos silêncios. Escutei um dia dizer que quando choramos o falecimento de alguém, é por nós próprios que choramos. Talvez fosse um lugar-comum, mas era também um axioma verificável por todo o universo que frequentei.

Só retomámos o diálogo quando a noite fria de Berenik desceu sobre as montanhas. Vera acendeu uns gravetos. Pela prática e rapidez com que criou o fogacho deduzi que já estaria habituada à sobrevivência nas coutadas planetárias. Não era de temer uma investida dos Berenikianos. Afinal, a luz da fogueira era quase impercetível e confundia-se com a claridade forte e absurdamente verde das sete luas.

— É impossível dormir com esta luz... — protestei.

Vera estendeu as palmas para a fogueira:

— Eu não me importo. Não conseguiria pregar olho, de qualquer das formas.

— Medo? — perguntei.

— Já o matei há muito — reagiu Vera, ríspida. — Tinha quinze anos, aquando da minha primeira chamada. Já lá vão doze. Vi demais, sofri demais, aprendi demais.

Anui.

— Que estavas a fazer, quando foste chamada, Vera?

Ela encolheu os ombros:

— No jardim, a ouvir música, como qualquer adolescente em férias. O meu irmão nadava na piscina e cortejava a minha melhor amiga. De repente, senti que o ar ficava abafado e estranhamente morno. Depois, vieram os sintomas habituais, um ardor que se espalhou das costas para o corpo todo. Dois ou três segundos depois, eu desaparecia.

— Para Berenik?

— Exato. Fiquei aqui duas luas. Claro que, na Terra, transcorreram apenas algumas horas. Reapareci no mesmo sítio, ensanguentada. O meu irmão saiu da piscina e correu para mim, em pânico.

Vera atirou um graveto para a fogueira. A chama principiava a extinguir-se. Com um pontapé, juntei algumas achas. Voltei a sentar-me ao lado dela.

— E depois?

Vera endureceu a voz:

— Recordo-me do olhar da minha amiga. Estava absolutamente horrorizada. Ao ver o meu ventre inchado pelos aparelhos dos Berenikianos, o corpo repleto de chagas, começou aos gritos. Creio que, por um lado, foi a surpresa. Por outro, talvez o facto de nunca imaginar que a sua melhor companheira fosse uma Maldita. Abandonou-me.

Os olhos de Vera coruscaram. As primeiras perdas de amizades denunciavam sempre a segregação de que nós, os Malditos, éramos vítimas por parte dos membros da nossa própria raça. De certa forma, representávamos o pior pesadelo de um humano e, em simultâneo, encarnávamos um dos maiores mistérios do universo.

— Eu sei o que isso é — comentei. — A minha esposa também me deixou, logo que se descobriu que eu era um dos Malditos. É um fenómeno comum. Tornamo-nos celebridades do infortúnio.

Vera condescendeu num sorriso límpido, o primeiro sem ironia nem acidez que lhe notei desde que nos encontráramos:

— Celebridades do infortúnio, disseste? Uma expressão gira... Lembras-te dos nomes que os cientistas nos davam, a princípio?

Soltei uma gargalhada:

— Claro que recordo! Desde «viajantes da distorção temporal», até «cidadãos raptados por entidades extraterrestres»...

— ...passando por «humanos subtraídos»! — acrescentou Vera, jovial.

— Tanto eufemismo para dizer que somos os danados da Terra.

Lancei um olhar longo para a fogueira. Puxei do cantil mais pequeno e passei-o a Vera. Ela sorveu um golo generoso:

— Que raio é isto?

— Mel e «whisky». Energia e calor.

Não se fez rogada a mais um golo, antes de me o devolver.

Saí da nossa cova e contemplei a atmosfera. A breve noite berenikiana, de quatro horas, começava a clarear. Quase sem ruído, Vera veio juntar-se a mim:

— Está na altura de abalarmos, não?

— Sim, Vera.

Puxei dos binóculos e fiz um rastreio à linha do horizonte. Por detrás de nós, nenhum Berenikiano se aproximava.

— Creio que não nos seguiram...

— Ótimo. Agora vamos desaparecer daqui, certo?

Puxei da tabela metálica, para calcular as coordenadas possíveis. Na Terra já deveriam ter dado pela minha falta — o «biometron» assinalara a posição. Os técnicos só estariam à espera da conjugação astronómica correta para poderem criar uma porta de fuga.

— Aos quarenta e três graus de longitude, setenta e três de latitude — disse Vera.

Fitei-a, com pasmo.

— Como sabes?

— Vê!

Estendeu-me o braço. Tatuadas a sépia, podiam-se ver as dezoito colunas que mostravam os locais exatos para sermos evacuados.

— Excelente ideia! Quando chegar Terra, vou pedir uma tatuagem destas!

— Sabias que os Berenikianos já chegaram a ser duas raças diversas? — explicou ela.

Abanei a cabeça.

— E, no entanto, é verdade.

Dei-lhe a mão e perguntei:

— Que aconteceu à outra raça?

— Praticamente o mesmo que sucedeu ao homem de Neanderthal. Foi extinto pelos seus irmãos mais aptos e inteligentes. A diferença é que o nosso massacre terrestre aconteceu numa altura em que não tínhamos lei nem ética, ao passo que os Berenikianos eliminaram os seus congéneres numa guerra que durou quase quinhentos anos. Às vezes, pergunto-me: o que os terá tornado em criaturas tão cruéis?

Encolhi os ombros:

— Não faço ideia. Talvez seja uma espécie de código genético inerente à espécie. Ou é,

simplesmente, uma questão de ensino. Repara que os machos e as fêmeas são vítimas de uma educação espartana, militarista, extremamente dura. A guerra é o seu modo de vida. Mas nós, os humanos, também não somos propriamente pacíficos. Se pensares na escravatura, nas guerras, nas torturas, no -

— Chiu!

Vera empurrou-me para o chão. Usando da linguagem gestual, indicou-me três centuriões, a leste. Franzi a vista. Poderia ter utilizado os binóculos, mas temia que as lentes brilhassem à luz dos sóis, denunciando a nossa posição.

Efetivamente, à saída de um desfiladeiro, a trezentos metros, avançava uma guarnição de centuriões. Esta escolta costumava preceder uma expedição de caçadores de escravos.

— Estão mesmo na nossa rota...

Escutei um farfalhar de asas por cima de mim. logo seguido de um guincho.

— Uma ave-réptil!

Saquei da besta, enfiando um dardo. Vera rolou sobre si própria, para junto da pedra magnética mais próxima. Não tive tempo de apontar. O passaroco bateu com a longa cauda de penas na arma. A besta caiu, a três passos de mim. Sabia que tinha ainda alguns segundos, antes de o pássaro concluir o «looping» e carregar.

— Não, Jim! — berrou Vera.

Pelo canto do olho vi que ela apontava uma zarabatana. Abaixei-me, protegendo a nuca. Uma bicada de uma ave-réptil podia quebrar um crânio humano. O dardo zuniu sobre mim. Espreitei. Vera falhara. Não quis arriscar uma segunda oportunidade. Corri para a pedra magnética.

— Rápido! — gritou Vera.

Escutei o farfalhar aproximar-se cada vez mais perto de mim. Não fora a lesão que sofrera na quinta chamada — uma rutura do ligamento — e conseguiria chegar ileso à rocha. Porém, desde o incidente, em Vesta, nunca fui tão célere como dantes. Pressenti o ataque. A ave-réptil bicou-me. Soltei um uivo de dor. Os últimos passos na direção da pedra foram mais um resultado do impulso da corrida do que propriamente um gesto voluntário.

Vera puxou-me. Li-lhe a preocupação no rosto. Procurei controlar a dor. Naqueles momentos, a primeira tarefa era avaliar o ferimento. Só depois trataríamos de iludir os centuriões:

— É grave? — inquiri.

Vera tocou os bordos da ferida:

— Quatro a cinco centímetros de comprimento. Um lanho bem razoável.

— A profundidade? — pedi.

Sabia que se o corte fosse muito cavo, atingisse um pulmão ou uma artéria, por exemplo, estava à mercê dos senhores de Berenik.

Vera introduziu um dedo. A dor foi excruciante.

— Temos de tratar disto, o quanto antes... Aguentas?

— Não há outra hipótese, Vera.

Ela suspirou fundo. Ergueu-se e espreitou cautelosamente pelo cimo da rocha.

— Os centuriões aperceberam-se de qualquer coisa — bichanou. — Mas a equipa de caça ainda não se juntou a eles. Com um pouco de sorte, teremos tempo suficiente para te tratar.

— Rápido — implorei. Eu sabia que a bicada da ave-réptil tinha alguma semelhança com a de certos animais terrestres. A vítima sente a picada, mas a maior dor só acontece passados alguns instantes. Há, por assim dizer, um momentâneo efeito de anestesia. Tencionava tirar partido dele, enquanto Vera me cosia os bordos da ferida. Depois, na Terra, se chegasse vivo à porta de passagem, receberia tratamento médico adequado.

Vera retirou o pequeno estojo de couro de uma das bolsas do cinto e começou a coser.

— Não faças isso ainda — admoestei. — Põe uma quantidade de antisséptico junto à carne. Não me posso arriscar a morrer de febres.

— É melhor não. Estás a sangrar muito. Toma.

Passou-me para a mão um pequeno cilindro de borracha. Já sabia o que era. Todos os Malditos têm um: chamam-lhe a «chupeta». Espetamos os dentes nele, durante a operação, para evitar gritar de dor. Nesta altura, qualquer sinal de alerta poderia ser-nos fatal.

Aguntei o sofrimento, quase sem um gemido.

— Já está.

Vera ajudou-me a encostar à rocha. Estava lívido, inúmeras gotículas de suor enxameando-me a testa.

— Sentes-te bem, Jim?

— O efeito da anestesia está a passar — murmurei.

— Toma, bebe.

Passou-me o cantil para a mão e afastou-se. Quando regressou, trazia a minha besta na mão.

— Prepara-te, Jim. Eles estão a chegar.

— Quantos?

Vera abanou a cabeça. Tinha-me adivinhado os pensamentos:

— Que nem te passe pela ideia enfrentá-los, Jim... São mais de uma dezena de caçadores.

Ela tinha razão. Se se tratasse de um grupo menor — digamos quatro ou cinco — poderíamos usar as bestas num combate. As hipóteses de sobrevivência eram razoáveis, dado que os Berenikianos são pesados e lentos: alvos perfeitos para uma mão experimentada e um olho certo. Porém, nunca tinha defrontado tantos.

Escolhi uma posição mais confortável e aprontei a besta:

— Em todo o caso, devemos estar prontos para tudo. Qual é a porta de fuga mais próxima?

Vera arregaçou a manga e consultou a tatuagem:

— Quarenta e três de longitude, oitenta de latitude.

— Isso faz...

— Três quilómetros para sul. Achas que consegues?

— Não, não me parece — admiti.

De facto, a dor crescia de intensidade. O sangue latejava-me nas têmporas e sabia que não tardaria muito até que se formasse um inchaço quase do tamanho de um punho, nas minhas costas — a reação natural do organismo à infeção dos vírus berenikianos.

— Vera, uma corrida só faria aumentar a circulação sanguínea. A ferida poderia abrir, de novo.

— Compreendo — Vera pareceu hesitar uns instantes. — Gostaria de ficar contigo, de te proteger, mas devo ir. O código...

— Não te preocupes, — interrompi-a — eu conheço o código de honra. Nenhum Maldito deve ajudar outro Maldito se com isso arriscar a vida de ambos. Estou de acordo. Envia à Terra as minhas coordenadas, mal chegues.

— Claro, Jim... Três minutos depois da mesma chegada, faço-os abrir uma porta de fuga aqui mesmo.

Passou-me a mão pelo rosto e ofereceu-me, mais uma vez, o cantil.

— Ver-nos-emos na Terra.

— Até à Terra.

Depois, precipitou-se pela planície, atraindo atrás de si duas aves-réptil. Vi o seu vulto traçar uma autêntica gincana por entre as pedras magnéticas. Fez-me lembrar um daqueles passatempos em que se tem de unir os pontos, numa sequência numerada, até se desenhar um objecto ou animal.

Essa foi a minha última recordação de Vera. Perdi os sentidos logo a seguir. Não me apercebi do satélite terrestre ter criado uma nova porta de fuga, exactamente sobre mim, nem de o meu corpo ter sido analisado pela sonda e, depois, recriado na medida exacta, no leito branco e morno de um hospital terrestre.

Aquele estabelecimento era o mesmo para onde eu tinha sido trazido, aquando da minha primeira chamada. Identifiquei-o de imediato: o ronronar morno dos aparelhos de ventilação, o azul suave das paredes, as camas de madeira pintada a branco.

Com um pouco de esforço, consegui erguer a cabeça e vislumbrar os miosótis sobre a cómoda, rigorosamente alinhada com o leito.

A minha primeira vez tinha sido violenta e difícil. O governo recusara-se a admitir perante o público o desaparecimento inusitado e frequente dos cidadãos — e o ressurgir destes, em condições lastimáveis, nos lugares mais insólitos. Como sempre, as explicações oficiais eram mentiras esfarrapada: os Malditos sofriam de alucinações, de chagas induzidas por autoconvencimento, de perda temporária da memória. Parecia existir sempre uma causa lógica para o fenómeno.

Mesmo o médico que nessa altura me examinara fora extremamente lacónico:

— Jim, você é um homem equilibrado. A comunidade estima-o e respeita-o. Como pode esperar que alguém acredite nessa sua história?

— Estou-lhe a dizer, doutor — respondi, agastado — que, não sei como nem porquê, fui transportado para um planeta desconhecido e usado como presa de caça...

O médico coçou a cabeça, suspirou fundo e concluiu:

— Todos nós temos pesadelos, alucinações, de quando em quando. Não estará a precisar de umas curtas férias?

— Eu não estou doido. E as alucinações não deixam nem arranhões destes, nem uma fractura no pulso, nem...

Ele colocou-me a mão sobre o braço. Com ar compreensivo, murmurou apenas:

— Eu sei isso, Jim. você sabe isso. Até eles sabem isso. E não é o primeiro caso destes que entra aqui.

Tentei erguer-me do leito.

— Que diabo se passa, doutor? Há alguma coisa que me esteja a esconder? Isto já sucedeu a outros?

O médico ergueu-se e deu alguns passos em direção à janela. Afastou um pouco a cortina e espreitou. Lá fora seria Outono e os primeiros ventos desarranjavam as folhas amontoadas pelos lixeiros, junto aos muros:

— Repito: você já não o primeiro, Jim. De resto, só lhe posso dizer que sabemos tanto acerca deste fenómeno como você...

— Que fenómeno? De que está a falar? — suplicava-lhe.

Ele ignorou as questões. Apenas me disse, em voz baixa:

— Em breve terá alta. É provável que algum agente governamental queira conversar

consigo. Rápidas melhoras.

E desapareceu porta fora, com as fichas médicas debaixo do braço.

Dois dias depois, Yolanda, a minha esposa, foi-me buscar ao hospital. Ainda não me tinha visitado, pelo menos no período em que eu recuperara a consciência. Posteriormente, a enfermeira confidenciou-me que até ela fora impedida de entrar por um par de homens mal encarados e possantes que guardavam noite e dia o meu quarto.

Iniciar a conversa com Yolanda foi difícil. Nenhum de nós parecia saber como desatar a conversa, e porém, era impossível fazer tábua rasa do acontecimento. Foi ela que abordou o assunto, enquanto conduzia a carrinha, na direcção de casa:

— Jim, eu sei que ainda deves estar abalado pelo acidente. Não quero que te sintas pressionado de forma alguma para falar sobre ele.

Suspirei fundo:

— Muito pelo contrário, Yolanda: eu *quero* discutir isto contigo.

— Bem, se isso te ajudar... — condescendeu ela.

Virou à esquerda, num quarteirão que iria alongar o trajecto de regresso. Via-se claramente que preferia ter a conversa ali, na privacidade do veículo, do que em casa.

— Yolanda, — comecei — é-me difícil falar sobre isto, mas devo fazê-lo. Em primeiro lugar, eu não tive acidente nenhum. Não escorreguei pelas escadas, nem perdi a consciência — julgo que foi essa a história que te pregaram.

Ela olhou-me e mordeu o lábio inferior. Hesitou, mas acabou por não dizer nada.

— O que me sucedeu foi um fenómeno que até agora nem o próprio médico consegue explicar. De um momento para o outro, vi-me num ambiente completamente estranho. Num planeta chamado Berenik, caçado por uns fulanos, como se eu fora uma raposa. Perseguiram-me ao longo de uma planície. Só me recordo de correr até perder o fôlego. Então, um deles, que cavalgava um animal esquisito — chamemos-lhe cavalo — lançou--me às pernas uma corrente com esferas. Eu caí e fui espancado. Quando acordei...

Yolanda parou o carro num semáforo. Tamborilou com os dedos no volante, suspirou e disparou:

— Estás a ser metafórico...?

— Yolanda, não! Esta é a verdade, juro!

— Então, Jim, estás a ser doido — atalhou.

Notei que disse aquilo sem sequer olhar para mim. Pôs, de novo, o veículo em andamento e acrescentou apenas, cansadamente:

— É melhor não fales neste assunto, nem aos miúdos, nem aos vizinhos, nem aos colegas de trabalho — a voz tremia-lhe e podia calcular que estivesse à beira das lágrimas.

Recostei-me no assento e não ousei proferir palavra alguma, até chegarmos a casa. Afinal, até eu duvidava de mim próprio e era excessivamente racional para engolir uma história daquelas.

Porém, os meus ferimentos eram verdadeiros — e de cada vez que me mirava ao espelho, aqueles breves minutos de horror em Berenik, desciam sobre mim de enxurrada.

Contudo, o pesadelo não veio a desvanecer-se. Uma manhã, Yolanda acordou-me e disse:

— Jim, estão ali uns senhores para ti. Identificaram-se como agentes governamentais.

Recordei-me das palavras do médico. Não escondi a contrariedade:

— Vai entretendo os tipos, por favor. Eu visto-me em três tempos.

E assim fiz. Quando entrei na sala, Yolanda estava ainda de robe, conversando com os agentes. Um deles, de cabelo loiro quase branco, como o dos nórdicos, ergueu-se mal me viu:

— Sr. Jim Travis, o meu nome é Robert. Este é o meu colega Parker.

— Muito prazer — trocámos apertos de mão.

— O assunto que nos traz aqui... — começou Robert.

— Tomam alguma coisa? — interrompi.

— Não, não. Agradecidos. Compreende, estamos em serviço. Apenas gostaríamos de lhe colocar algumas questões relativas ao acidente de que foi vítima na semana anterior.

Senti-me desfalecer. De imediato, comecei a compreender no que aquilo iria dar. Sucintamente, e procurando parecer tão credível quanto me era permitido, resumi a história a umas meras linhas:

— Estava no alpendre, cá em casa, quando desmaiei.

— Sentiu de alguma forma que iria perder os sentidos? — indagou o colega de Robert, um homem de baixa estatura, rosto rubicundo e um estômago proeminente.

— Agora que menciona isso, sim. Sentir calor, falta de ar...

— Prurido? — indagou Robert, tomando notas num caderninho.

— Também — anui.

— E depois...?

— Bem, passei por uma espécie de alucinação ou pesadelo. Por momentos, julguei encontrar-me noutra espaço, noutra tempo.

Robert e Parker entreolharam-se. Porém, não o fizeram de uma forma sarcástica ou sequer desdenhosa. Havia nos seus rostos antes uma expressão de reconhecimento. Como alguém que encontra debaixo de um sofá a última peça para completar um «puzzle».

Yolanda tocou-me com o pé descalço na perna. Provavelmente estaria a avisar-me para ter tento na língua. Parker abriu uma pasta de cartão, dessas que os estudantes de arte e os

desenhadores costumam trazer com eles, um portefólio rígido. Tirou de lá de dentro uns desenhos e disse:

— São retratos-robô.

Olhei para as imagens e sorri, sem perceber. Todas elas mostravam criaturas bizarras, seres que pareciam ter saído de filmes de ficção científica da série B, anos cinquenta. Apenas não eram tão sensacionalistas, nem monstruosos. Havia neles algo de credível.

— Não compreendo... — olhei para ambos os agentes. A sua expressão facial não podia ser mais séria nem honesta. — Trata-se de alguma brincadeira?

Yolanda entrou na jogada, com uma gargalhadinha. Apontou:

— Este aqui parece o meu tio!

— Por favor — interrompeu Parker —, queira ver os outros desenhos, Sr. Travis.

Passei-os desinteressadamente. Todos eles eram esboços a carvão de criaturas fantásticas. Porém, ao chegar ao quinto, parei.

— Reconhece? — indagou Robert, debruçando-se sobre o esboço. Provavelmente notou a minha palidez. De facto, eu estava sem pinga de sangue. Aquele desenho representava, de forma clara, inequívoca, um ser da mesma espécie das criaturas que me tinham perseguido.

Engoli em seco.

— Sim — balbuciei.

— Jim! Com franqueza! — Yolanda repreendia-me.

Não ousei fitá-la.

— Sr.^a Travis — pronunciou Parker devagar, medindo bem as sílabas -, receio bem que o seu marido tenha sido vítima de uma distorção. O seu pesadelo foi um *facto*, não uma mera arquitectura da fantasia.

O gorducho corroborou, com ar preocupado:

— É verdade. É cada vez maior o número daqueles que desaparecem momentaneamente de suas casas, dos seus empregos e regressam traumatizados — e até com marcas físicas.

— Muitos eles — interrompeu Parker — contam histórias bizarras. Mas os seus estigmas e a coincidência de depoimentos levam a que o Governo se tenha vindo a interessar pelos seus casos.

Yolanda abanou a cabeça. Levantou-se e começou a percorrer a sala, franzindo o sobrolho:

— Vocês estão-se a escutar a vós próprios? Com franqueza, isto é uma coisa de loucos, verdadeiramente delirante. Agora que o meu marido se estava a recompor do acidente, trauma ou lá o que foi é que vocês lhe vêm meter macaquinhos no sótão?!

Parker interrompeu-a, com um gesto:

— Sr. Travis, o Governo agradecia a sua comparência no ginásio da escola secundária local — passou-me um papelinho para a mão. — Por favor, não se esqueça. É importante contarmos consigo.

— De que se trata? — perguntei.

O agente pigarreou:

— De uma reunião. Na altura explicar-lhe-emos em maior detalhe.

Levantaram-se, em silêncio. Yolanda não lhes dirigiu palavra. Tinha-se sentado, o rosto enterrado nas mãos em concha. Quando a porta bateu, principiou a soluçar.

Pus-lhe a mão sobre os ombros. Repeliu-me.

Uma semana depois, mudou-se para casa da mãe. Apenas quinze dias transcorreram, antes que eu recebesse, pelo correio, os papéis do divórcio. Um bilhete lacónico, na caligrafia certinha de Yolanda dizia: «Basta assinar. As melhoras, Y.» Com ela foram os nossos filhos e a segunda fatia da minha vida a dissolver-se. A primeira tinha sido esse pedaço de razão que liga a nossa sanidade ao quotidiano e à decência.

A contribuir para esta atmosfera de estranheza, a reunião no ginásio foi perfeitamente surrealista. Se, na altura, me tivessem sido concedidos três desejos, eu pediria Yolanda de volta, a boa e velha rotina outra vez, e um forte beliscão para acordar daquele pesadelo.

Cheguei cedo ao ginásio. Três ou quatro seguranças, com os inevitáveis trajes escuros e óculos a condizer, patrulhavam discretamente a área. Pouco a pouco, começaram a surgir os primeiros convidados: homens, mulheres e até duas crianças. O tipo de gente vulgar que trabalha lado a lado connosco no escritório, ou conduz o carrinho das compras, no supermercado do bairro. Ninguém parecia reconhecer ninguém, embora aqui e acolá se formassem pequenos grupos, bolsas de conversa. Por certo que alguns já tinham estado em sessões daquelas.

Uma mulher de ar elegante, abriu-nos as portas e convidou-nos a entrar, com um gesto:

— Por favor, sentem-se onde quiserem.

Dei uma boa mirada no ginásio. Não estava muito diferente de quando eu jogava basquete, na equipa do liceu. O mesmo eco, os espaldares eternamente a clamarem reforma, o cheiro adocicado a suor e a desporto. Sentei-me numa cadeira próximo de um palco improvisado.

— Isto traz memórias, não?

Voltei-me. A observação fora proferida por uma mulher alta. Estendeu-me a mão, com um sorriso amplo:

— Sou a Margarida. Provavelmente não se recorda de mim. Fomos colegas, no

secundário, durante dois anos.

Demorei alguns segundos a ajustar o rosto sereno ao da rapariga borbulhenta com quem partilhara a carteira e alguns copianços:

— É claro que recordo! Guida, faz tanto tempo!

Ela encolheu os ombros:

— Doze anos.

Mirei-a de alto abaixo. Ela pareceu divertida:

— Vá lá, Jim. Conservei-me bem, não? À exceção disto...

Mostrou-me um aparelho metálico, uma prótese, no lugar do antebraço direito. Fiquei chocado.

— Algum acidente? — indaguei, embaraçado pela notícia dada de chofre.

— Digamos antes que foi... uma alucinação. Em Vesta.

Fiquei desconcertado. Nada parecia fazer muito sentido:

— Como? Não sei que lugar é esse...

Ela respondeu, com amargura:

— Terá tempo de o conhecer. Um planetazinho verde, numa dimensão qualquer diferente da nossa. Os habitantes são é pouco hospitaleiros. É a terceira vez que o visito e que sou usada como presa.

Voltei o rosto. Doía-me a cabeça. Não podia ser. Nada daquilo fazia sentido. Talvez que Yolanda tivesse razão, que os loucos não fôssemos nós. Que a sociedade se tivesse subitamente transformado num manicómio horrendo, que os pesadelos se tivessem materializado. Que...

Um silvo do microfone interrompeu-me a linha de pensamentos. Só então reparei que no palco a mesa tinha sido ocupada por três pessoas: a mulher que nos introduzira no ginásio, e dois militares, um dos quais bastante graduado. Foi este que tomou a iniciativa:

— Boa tarde a todos. Agradeço terem acedido à nossa convocatória. Todas as pessoas aqui presentes têm uma história em comum. Por um processo que nos é inteiramente desconhecido, foram levados do nosso planeta para uma outra dimensão. Cada um de vocês tem a sua experiência de horror. Alguns, apresentam marcas físicas evidentes do sofrimento a que foram submetidos. Outros, foram capturados mais do que meia dúzia de vezes. Em comum, ainda, o facto de todos terem sido usados como peças de caça, em coutadas alienígenas. Nomes como Berenik, Vesta, Iline, Hebridon, trazem-vos más recordações. As piores — disse, com um gesto espasmódico. — O fenómeno, chamemos-lhe assim, já é conhecido dos cientistas há quase meio século. Desde que colonizámos os planetas exteriores que estes eventos estranhos se têm sucedido. Quanto a isso, a doutora Legrange pode-vos dar uma explicação.

A mulher elegante sorriu, ligou o microfone e prosseguiu:

— Chamo-me Legrange e sou astrofísica. O fenómeno a que o general Humbert se refere pode ser explicado à luz da ciência, mas apenas em parte. Imaginem o universo como um queijo Gruyère: cheio de galerias ocas, por onde se passa para os aposentos para outros, uma espécie de «portas». É através delas que os alienígenas vos conseguem capturar. Não sabemos ao certo como... — após um momento de silêncio, prosseguiu: — Porém, nos últimos anos, temos desenvolvido estudos que nos permitiram detetar a existência de um fenómeno de transporte de matéria. Imaginem que estão no vosso emprego e que, subitamente, escassos segundos depois aparecem em vossas casas, sentados nos sofás, frente à televisão. Para os vossos colegas, não transcorreram mais do que alguns segundos. Para vós, poderão ter passado horas. Assim se justifica o aspeto accidental das vossas provações. Todos vocês foram perseguidos durante dias — alguns, até se ausentaram por semanas. Estes são os factos. Agora, passemos às soluções. O coronel Ginot, diretor dos Serviços Secretos... — apresentou, com um gesto.

O coronel sorriu, cofiou o bigode, pigarreou e puxou de um memorando:

— Saúdo-vos. Creio ter algumas boas notícias a dar-vos — falava com uma voz tímida. Não era definitivamente o tipo de pessoa que inspirasse segurança. — A Agência Nacional de Investigação do Espaço Exterior conseguiu descobrir algumas das pontes de que vos falou a doutora Legrange. Através delas, fizemos passar, com sucesso sondas diversas e colocá-las em órbita geostacionária em redor de vários dos planetas a que muitos de vocês aludiram e que fazem parte do mesmo sistema solar. Para nosso grande espanto, as civilizações visitadas ainda não atingiram o desenvolvimento espacial. Assim, qualquer hipótese de invasão da Terra está completamente fora de causa. Repito — e fitou-nos — fora de causa. Os povos que pudemos observar parecem encontrar-se num período histórico semelhante ao da nossa Idade Média.

Interrompeu a explicação, beberricou um pouco de água, e apontou para um «écran».

— Agradecia que apagassem as luzes, por favor.

Um empregado obedeceu. De imediato surgiram os primeiros «slides». Eram fotografias a preto e branco, de fraca resolução.

— Foram tiradas pelas sondas — explicou. — As condições climatéricas não eram as melhores, pelo que temos os computadores gráficos a trabalharem, a ver se conseguimos maior nitidez...

— Claro que são apenas algumas das imagens que recolhemos — interrompeu a doutora Legrange. — Pensamos enviar, brevemente, uma sonda terrestre para explorar os diversos locais habitados.

O coronel prosseguiu. Mostrou fotografias de castelos em forma de «v», de planícies estéreis onde volteavam aquilo que mais tarde vim a identificar como as aves-réptil, de algumas criaturas semelhantes às que me tinham sido mostradas nos esboços. No fim de contas, não se

tratava de muito.

— E agora a novidade principal.

O coronel ergueu-se, puxou de um ponteiro e assinalou diversos locais, na fotografia de um hemisfério.

— Este é Vesta. O maior planeta do sistema solar em causa. Estes pontos mais luminosos são as portas por onde vocês entraram para esse mundo. Existem diversas, espalhadas sem qualquer ordem.

— Se me permite interromper... — pediu a doutora Legrange.

— Faça favor — o coronel recuou dois passos para que a cientista pudesse ver o «écran».

— Essas portas não foram construídas pelos povos que vos perseguiram. São construções não materiais, perdoem-me a antítese, de uma civilização provavelmente já desaparecida. Tal como os romanos nos deixaram as suas calçadas, também um povo antiquíssimo legou estes pórticos. Desconhecemos quem seriam — e também não creio, nesta fase da exploração, que seja muito importante saber.

Foi a vez do general interromper:

— Uma hipótese indica tratar-se de uma civilização militar tremendamente avançada. É provável que usassem estes planetas como prisões ou hospícios. Isso explica o carácter agressivo dos povos que vocês encontraram — e também o seu fraco desenvolvimento tecnológico. Foram abandonados — rejeitados será o termo mais exato — pela sociedade mãe. Algures, essa sociedade desapareceu, deixando apenas os seus párias.

— Obrigada, general — a doutora Legrange prosseguiu. — Descobrimos que essas portas funcionam da mesma maneira que qualquer passagem comum: isto é, nos dois sentidos. Entra-se e sai-se. Assim, basta passar através delas para que qualquer um de vós possa regressar à Terra e escapar, evidentemente, dos perseguidores.

Houve um remexer de cadeiras na plateia. Um homem alto ergueu o braço e pediu licença para falar:

— Doutora Legrange, desculpe. Eu estive em Berenik já duas vezes e por duas vezes tentei, sem sucesso passar através do pórtico que me indicaram no último encontro — sentou-se, ruidosamente. Houve um coro de aprovação.

A doutora Legrange sorriu:

— Tem razão. Mas, por favor, deixe-me concluir. Tal como qualquer porta terrestre, também estas podem ser cerradas. Não existe nenhuma fechadura ou cadeado. No entanto, a conjunção das luas destes planetas permite abri-las ou selá-las. Como se se tratasse de um segredo de cofre, compreende? Os serviços secretos já descodificaram mais algumas dessas posições, desde a última vez que nos reunimos. Ser-vos-á entregue uma tabela, à saída.

Estudem-na com atenção. Poderá ser a chave, literalmente, para saírem desses planetas. Basta lá estar no momento certo.

A doutora Legrange sentou-se. O general ergueu-se:

— Há alguma questão a colocar?

Levantaram-se vários braços.

— Um de cada vez, por favor. A senhora de casaco azul...

Uma mulher levantou-se:

— General, porque motivo apenas alguns de nós, terrestres, fomos considerados Malditos e aparecemos e desaparecemos nesses planetas de doidos?

O General encolheu os ombros. A cientista tomou a palavra e disse:

— Até ao momento não sabemos. Há teorias diversas, mas é prematuro discuti-las ainda.

A mulher de casaco azul sentou-se e deu lugar a um jovem musculado:

— General, que proteção nos pode oferecer o governo?

— O mesmo de sempre, Treino militar a quem o desejar, e, claro, o «biometron» — retirou do bolso um pequeno aparelho espalmado: — Ei-lo. Se o usarem, é-nos possível detetar a vossa presença. Um computador central dará o alarme, mal deixe de obter informação do sinalizador. Isso acontecerá de cada vez que um de vós for «absorvido» para um dos planetas.

— Porque motivo não invadimos os malditos dos planetas? — berrou um homem forte.

O general torceu os dedos:

— Receamos represálias. Não sabemos até que ponto, nem em que medida, reagiriam hostilmente contra a nossa invasão. Podem possuir armas secretas. E terríveis.

As questões pareciam ter-se esgotado, e a conversa tinha-se já instalado na plateia. No final, a mesa aceitou inscrições para treino intensivo: orientação no terreno, uso de armas — que convinha trazeremos sempre connosco, pois a qualquer momento poderíamos ser «chamados» para outra dimensão, etc.

Saí daquele encontro exausto e atordoado pela quantidade de informações. A minha ex-colega do liceu ofereceu-se para me levar a casa. Recusei. Tinha anoitecido, e o ar fresco, contrastante com a atmosfera bafienta do ginásio, fazia-me bem.

Recordava eu estes episódios, quando a enfermeira me anunciou uma visita. Vera entrou, um ramo de flores na mão direita e um sorriso suave. Parecia mais feminina, quase frágil até, o ar marcial posto de lado.

— Nem calculas o trabalho que tive para te encontrar!

Aproximou-se da cama e beijou-me.

— Vera! É mesmo bom estar contigo outra vez! Que tens feito?

— Tudo, pouco e nada. E tu?

— Acho que me safei. Graças a ti. Obrigado.

— Ora! Terias feito o mesmo por mim. O código...

Ri-me:

— O código de honra já não é o que era. Sabes que apanharam o «Matador», em Vesta?

Vera levou a mão à boca:

— Não me digas...

— Vinha no jornal, esta manhã — rebusquei na gaveta da mesinha de cabeceira e estendi-lho: — Vem logo na primeira página.

Vera abanou a cabeça, desalentada:

— E ele era o único que...

— O único a ter feito dos caçadores presa. Eu sei...

O «Matador» era a alcunha de Kurtzweil, o veterano dos Malditos, aquele que já combatera várias vezes nos cinco planetas e sobrevivera com apenas algumas cicatrizes e uma enxurrada de histórias para contar. Kurtzweil treinara-nos em todos os domínios: desde o uso do arco à orientação, da luta livre às técnicas mais ousadas de estratégia. Fora também ele quem pela primeira vez desafiara e eliminara dois senhores de Berenik, dando esperanças a toda uma geração de Malditos — e provando que até os caçadores tinham o seu calcanhar de Aquiles — neste caso, o ponto mais à direita da carapaça protetora dos Berenikianos, onde uma pancada seca poderia causar paragem cardíaca ou inconsciência. Kurtzweil tatuara no braço duas cruzes — uma por cada senhor. Dizia-se que, dias antes da sua última missão, contava já com mais de duas dezenas e meia de marcas de vitória.

— Morreu em combate? — indagou Vera, após um momento de silêncio.

— Não, Vera. Encontraram o corpo dele, inchado de água e já em putrefação, no rio. A hipótese de suicídio foi colocada...

Vera protestou com azedume:

— Ninguém resiste a quinze anos de luta para se afogar propositadamente!

— Foi o que eu pensei. Uma coisa tão estranha.

O semblante de Vera tornou-se sombrio:

— Tens razão. Mas esta não é a única coisa esquisita a acontecer nestes dias...

— O queres dizer com isso?

Vera sentou-se na borda da minha cama:

— Tenho reparado em certos detalhes, quando vou em missão. Coisas que não parecem fazer muito sentido, ou pelo menos, que não coincidem com as informações que o governo nos dá.

— Não sei se estou a perceber.

Ela encolheu os ombros.

— Talvez não seja nada de concreto. Se calhar é impressão minha, mas da última vez que estive em Vesta, era capaz de jurar que ouvi o som feito por uma nave a entrar na atmosfera. Quando ultrapassa a barreira do som, tu sabes...

— Sim, só que...

Cortou-me a palavra:

— Já sei, Jim. Vais dizer que os planetas não têm tecnologia espacial. É isso?

— Nem mais. E de resto, sou-te sincero: nunca pus os olhos em nada que se parecesse com uma nave, em Vesta, Berenik, ou Iline...

— Certo, certo. Mas, imagina: e se existirem lugares nesses planetas que nós não conheçamos?

Suspirei fundo:

— Mesmo assim... De certeza que, durante alguma caçada, teríamos avistado rastos de fumo, se eles tivessem tecnologia espacial.

Vera encolheu os ombros:

— Tens razão. Esquece. Estou a divagar.

Mudámos de assunto. Trocámos mexericos acerca de guerreiros e guerreiras nossos conhecidos, discutimos o desempenho das novas bestas e arcos, feitas de ligas ultraleves e extremamente eficientes, fizemos planos para um jantar a dois, logo que eu saísse do hospital. Porém, as inquietações de Vera permaneceram comigo. Poderiam aqueles caçadores brutais e primitivos deter um processo viajar entre as estrelas? Recordava-me de, na minha primeira sessão de esclarecimento, o general ter respondido negativamente. Mas, e se estivesse errado? Poderiam os caçadores invadir a Terra? Provavelmente, não, caso contrário, já o teriam feito. A cabeça doía-me de novo. Carreguei na campainha. Adormeci mesmo antes de a enfermeira me ter aplicado o analgésico.

Então, comecei a ver imagens desconexas de uma planície azul. Sons estranhos à Terra iam-se tornando progressivamente mais audíveis. Remexi-me um pouco. Com frequência, basta um leve movimento do corpo para enxotar um pesadelo. Contudo, quando consegui abrir por completo as pálpebras, descobri que já não me encontrava num leito de hospital terrestre, mas numa coutada alienígena. Ergui-me e contemplei as longas planícies em meu redor. Estava em Iline. Era fácil reconhecer a geografia plana desse planeta, o aroma forte a ozono, as ruínas dos palácios feitos em jade — trazido das jazidas afundadas nas entranhas do subsolo rochoso.

Estava só. E desarmado.

Não se vislumbrava a figura de caçador algum. Mas o vento trazia-me o urro distante de

alguns filadores, a versão iliana de cães de caça. Os instrutores sempre me tinham dito que quando alguém se encontrasse sem armas, num planeta, a melhor estratégia seria ganhar tempo. Correr apenas complicaria: o odor corporal do ser humano aumentava e era tornava-o mais vulnerável ao faro já de si apurado das matilhas. Portanto, só me restava esconder-me.

A planície não oferecia bons locais. Por outro lado, o planalto mais próximo distava, segundo os meus cálculos baseados apenas na visão, quatro quilómetros.

Olhei em redor, o coração pulsando de pânico. A minha única possibilidade era o palácio vizinho: um losango esverdeado, de paredes carcomidas pela ventania e pelo roçar constante das areias, como uma face tocada pela varíola.

Desci a duna e encaminhei-me rapidamente. Os latidos dos filadores tornavam-se mais nítidos. Se estivesse na outra vertente da elevação, de certeza que já poderia vislumbrar as silhuetas esguias dos senhores, e os carros do cortejo de caça.

Desprezei o faro do filadores e principiei a corrida. Há momentos de pânico em que a adrenalina se sobrepõe ao bom senso. Como num sonho, vi os portões dos palácios tornarem-se cada vez maiores: um par de pilares não muito diferentes de colunas dóricas. Ultrapassei-os e entrei num pátio lajeado. Havia ervas e pequenos catos emergindo por entre as placas de jade, muitas delas quebradas, que formavam o revestimento. Aqui e além, viam-se algumas estátuas, representações de senhores ilianos. Todo o lugar estava habitado pelo abandono.

Apressei-me a entrar no edifício principal, agora que o eco já trazia mais próximos os latidos dos filadores. Como calculara, só as janelas em forma de fresta, algumas ainda ostentando restos de vitrais, impediam os salões de serem completamente escuros. Escolhi uma das escadarias mais distantes e subi ao patamar superior. Quanto mais afastado do solo, mais difícil se tornaria para um filador me detetar. Lamentei não ter trazido comigo equipamento algum de despiste. Mas quem me poderia censurar? A minha presença ali contradizia as estatísticas segundo as quais um Maldito raras vezes é chamado mais do que quatro ocasiões por ano. Aquela era a minha sétima partida em 2110.

Escutei alvoroço, fora dos portões do palácio. Vozes entusiasmadas de caçadores misturavam-se com os urros das feras. Não me atrevi a aproximar-me de nenhuma janela, para avistar uma nesga fosse o que fosse, embora estivesse curioso. Tal como previa, a minha estratégia tinha desorientado o séquito de caça. Os filadores deviam estar naquele momento a cheirar o ar do deserto, em busca de qualquer pista de mim.

Uma corneta tocou. Os ruídos arrastavam-se agora para o pátio. Próximos, muito próximos do bater descompassado do meu coração. Recordei-me de Kurtzweil, o Matador, lembrei-me de Vera, e de uma série de advertências dos instrutores.

Até que, ainda exaurido pela doença, perdi os sentidos.

Ignoro por completo o que aconteceu. Apenas sei que, quando os recuperei, me encontrava já dentro de uma dessas gaiolas de aço usadas pelos Ilianos para exporem as suas presas, enquanto não decidem o que fazer com elas.

E percebi que a minha sorte — se não mesmo a vida — tinham terminado.

Nos dias (seriam dias? ou apenas horas?) que se seguiram, ignoro quantas vezes desmaiei.

Uma Iliana viera trazer-me o equivalente terrestre a água e a frutos. Ardia em febre, os lábios rebentados, a visão turva e um gosto amargo na boca. Mudei pelo menos uma vez de sala, ou até de palácio, como poderei saber? Só quando finalmente recuperei as forças é que o meu instinto de sobrevivência se tornou, de novo, ativo. Fazia fresco. Talvez fosse de manhã, ou à noite, ajuizei. Não era de dia, isso eu tinha por certo, uma vez que o calor cáustico daquele planeta se não fazia sentir.

De dentro da minha gaiola, comecei a escrutinar o lugar. O salão seria facilmente confundível com a sala dos troféus de qualquer nobre medieval: amplo, pouco mobilado, de ar castrense. Com efeito, uma mesa de banquetes, algumas cadeiras dispostas numa espécie de estrado e o palanque onde a minha gaiola se encontrava eram praticamente os únicos móveis.

Pelos poucos indícios, veio-me a esperança de que o senhor que me capturara quisesse fazer de mim uma espécie de animal de estimação: como um papagaio, um símio, ou um felino. Digo «esperança», porque tudo era preferível às torturas habitualmente aplicadas às presas: a roda, a violação, o amputar de dedos, ou quaisquer outras barbáries.

Com um estalido, a porta do salão abriu-se. Alguns nobres entraram. Trajavam de cores vistosas e conversavam animadamente. Olharam-me, orgulhosos. Não havia dúvida de que tinham sido aqueles os autores da minha captura. Tornava-se sempre difícil saber onde acabava o Iliano e onde começava a sua armadura, carapaça ou o que quer que fosse. Podia mesmo dizer-se que o ser e a proteção talvez formassem um todo, como acontece com as tartarugas.

Um deles aproximou-se da gaiola e murmurou qualquer coisa no seu linguajar estranho. Olhei-o sem hostilidade, mas sempre com ar digno. Devia provar àquelas criaturas que eu era um animal pensante, não uma peça de caça. O nobre afastou-se e tomou lugar numa das cadeiras do estrado. Entretanto, a porta tornou-se a abrir, para deixar entrar uma Iliana. Os restantes senhores saudaram-na com uma vénia respeitosa.

«Provavelmente, a princesa ou a rainha» — ajuizei.

Também esta me olhou com curiosidade. Mas as surpresas não tinham ficado por ali. Logo que o grupo se acomodou — alguns no estrado, outros à mesa — surgiu um lacaios que fez um anúncio, em voz alta. Ouviram-se passos pressurosos, no corredor. E, para meu enorme espanto, não foi um dos nativos que cruzou a porta, mas tão simplesmente o velho George

Howard, conselheiro para os assuntos do planeta Terra. Perante a sua figura magra e fleumática, as criaturas ilianas levantaram-se, respeitosamente.

Por um instante, julguei sonhar. A presença de Howard ali, frente a frente com um Iliano, apenas poderia ser produto do meu estado febril. Um dos nobres puxou uma cadeira e o conselheiro sentou-se. Parecia altivo, mas preocupado. Principiou a falar. Apesar da distância, compreendi perfeitamente as palavras:

— Estou satisfeito por vos ver de novo.

Seguiu-se uma pausa. Um dos nobres pronunciou também uma frase — uma tradução, dei-me conta.

O senhor cumprimentou também Howard, num tom formal, através do intérprete:

— Bem-vindo, de novo, a Iline. Que vos traz?

Howard replicou apenas:

— Negócios em nome da Terra. Desejamos saber o resultado da nossa proposta.

O nobre esboçou um gesto largo de desalento:

— Infelizmente, o Círculo de Iline não a pode aceitar.

Howard cerrou o punho, mas a sua voz era calma:

— Porquê...?

— Muito simplesmente porque iria colidir com as nossas tradições, conselheiro. Há milhares de anos que importamos presas de diversos planetas. Faz parte da nossa história e da nossa cultura.

Howard escolheu as palavras com cuidado:

— No meu planeta, esses atos são considerados barbárie...

Um dos nobres remexeu-se, nervoso. O senhor levantou-se do trono e deu alguns passos em direção a uma das frestas. Respondeu sem olhar Howard:

— Conselheiro, algumas tradições do seu povo também não seriam vistas com bons olhos aqui, no meu planeta. E permito recordar-vos que ainda os terrestres evoluíam do símio e já nós explorávamos as estrelas.

Howard franziu o sobrolho e replicou:

— Isso foi antes ou depois de vocês quase se autodestruírem na guerra de protões?

O senhor de Iline soltou uma gargalhada:

— Não sejais irónico, Howard. Não estais em posição de o ser. E de resto, é inútil: continuaremos a selecionar terrestres para as nossas coutadas. E sabe-lo muito bem, não há nada que possa fazer. Este encontro está terminado.

O velho ergueu-se, fez uma vénia mínima e voltou-se. Nesse momento, percebi que em Howard estava a minha última possibilidade de sobrevivência. Como alguém que num pesadelo

receia que a voz lhe falhe, gritei com todas as forças:

— Conselheiro!

Howard voltou-se. Deve ter sido com dificuldade que distinguiu a minha cela, na escuridão da sala:

— Está aí alguém?

— Jim Travis — pronunciei com emoção. — Terrestre.

Howard avançou uns passos na minha direção. Nenhum dos nobres o tentou parar.

Estendi-lhe o braço, suplicante, por entre as grades:

— Por favor, conselheiro: liberte-me.

Dei-me conta de que chorava. Howard olhou-me, compassivamente. Depois, voltou o rosto para o senhor Iliano.

— Tendes aqui um súbdito da Terra.

— Capturado há três dias pela minha comitiva de caça. Um troféu — explicou, lançando-me um olhar orgulhoso.

— Um ser humano — emendou Howard.

— Um troféu — repetiu o senhor, com gáudio.

— Que pensais fazer com ele? — indagou o Conselheiro.

— É-vos importante saber?

Howard respondeu com simplicidade:

— Sim. É um dos nossos.

— É uma simples presa.

Howard deixou-me e aproximou-se do senhor:

— Se assim é, porque não o deixais regressar à Terra?

— Há alguma boa razão para isso? — era nítido que o Iliano estava a apreciar ironicamente a situação.

— Este homem está doente — observou Howard. — Pouco divertimento vos proporcionará. Além disso, é um costume terrestre, comum aos grandes senhores, mostrar compaixão e magnanimidade.

O Iliano refletiu um pouco:

— Que vós, os terrestres, não penseis que nós somos incivilizados — bateu as palmas.

Howard agradeceu com uma pequena vénia.

Os minutos que transcorreram entre aquele instante e a chegada do carcereiro duraram uma eternidade. Quando a chave rodou na fechadura, senti vontade de abraçar Howard.

Ele acalmou-me com um gesto e murmurou:

— Espere até estarmos fora do palácio. Não diga nada, não faça nada.

O Conselheiro e o senhor despediram-se secamente. Segui Howard através de longas galerias cobertas de jade. Sentia, ao mesmo tempo, uma enorme felicidade e ainda um pânico indefinível. A minha vida estivera por um cabelo. Queria ter a certeza de que não estava a sonhar. O rosto ardia-me, as pernas fraquejavam e, mais do que uma vez, Howard teve de me amparar.

— Aguenta-se — sussurrou-me.

Um par de guardas abriu a portada do palácio. Os dois sóis gémeos de Iline feriram-me a visão. Caminhámos lentamente até uma naveta de transporte da União Terrestre.

Um tenente veio ao nosso encontro e amparou-me ao longo da escada de acesso:

— Bem-vindo a território terrestre.

Entrámos na naveta. Howard ordenou:

— Cuidem deste homem.

Levaram-me para o pequeno posto médico, na ré. Aproveitei para agradecer ao conselheiro. E perguntei-lhe:

— Apenas por curiosidade, qual foi a proposta que colocou em nome da Terra?

Howard respirou fundo. Lia-se-lhe no rosto uma frustração exausta:

— A Terra comprometer-se-ia a transportar gelo para Iline — disse —, uma superfície equivalente a uma calote polar. Eles têm uma imensa falta de água. O planeta está a desertificar-se a ritmo rápido. Tanto quanto sei, é por isso que muitos dos palácios do deserto estão abandonados.

— Compreendo... E que pedimos em troca? — inquiri.

O Conselheiro sorriu:

— O óbvio, o mais simples: que parassem de importar homens nossos para Iline.

— E eles não aceitaram...? — perguntei, após um momento de silêncio.

— Não. De resto, tal não me surpreende... — o Conselheiro recostou-se no sofá. — Para os Ilianos (bem como para qualquer outra das raças deste sistema, diga-se), o prazer da caça e do extermínio é superior aos imperativos da sua sobrevivência futura.

— Acha que algum dia pararão de nos perseguir? Ou tentarão invadir-nos de vez?

O Conselheiro abanou a cabeça:

— É certo que não pisarão solo terrestre.

— Como pode ter tanto a certeza...?

Os olhos cinzentos do Conselheiro fitaram-me duramente:

— A Terra pagou o suficiente para que isso não sucedesse.

Empalideci:

— Está a dizer que...

— Que você, Travis, tal como todos os Malditos, foram a nossa oferta sacrificial.
— O governo terrestre entregou-nos aos Ilianos... — murmurei, incrédulo.
— ... em troca da promessa de que estes nos não invadiriam a Terra. É isso — concluiu Howard, como se fosse o facto mais aceitável do universo.

Por alguns instantes, não fui capaz de dizer nada. A superfície do planeta Terra preenchia já a totalidade da janela e os pormenores tornavam-se mais nítidos, à medida que a nave descia. A revolta crispava-me o estômago:

— Como puderam entregar-nos assim? — balbuciei.
— Não tínhamos outra possibilidade — retorquiu o Conselheiro. — Ou uns quantos humanos, ou toda a Humanidade.
— E a Terra aceitou isso passivamente...?

Howard mordiscou a unha:

— Não. Uns tantos protestaram. Alguns Malditos deram-se conta da situação. Kurtzweil, o Matador, foi um deles. Descobriu que estava a ser usado como resgate, em Vesta. E viu demais: conheceu as bases dos Vestianos, deduziu que eram uma cultura com capacidade para viajar no espaço... Enfim, descobriu-nos o jogo. Quis informar a opinião pública. Tivemos de o eliminar.

— Que tipo de planeta é este, — quase gritei — que prefere oferecer vítimas a lutar numa invasão que nem sequer aconteceu ainda?

Howard debruçou-se na minha direção e deu-me umas pancadinhas paternais no ombro:

— Um planeta prudente, Jim. Um planeta muito prudente.

Espetei-lhe um murro. Não me surpreendi por Howard não ter reagido. E também não me espantei quando o médico de bordo se aproximou, com uma seringa na mão. Há muito que o meu destino estava traçado. A imagem na vigia tornou-se negra e passados tantos anos de angústia eu pude, finalmente, dormir.

Sinopse

Em *Foi Amanhã*, o leitor travará contacto com um assassino extraterrestre, um par de gémeos ligados para além da vida ou dois arqueólogos que descobrem a fonte da eterna juventude, a milhões de quilómetros do nosso planeta. Conhecerá um mundo onde os terrestres são caçados como animais, uma lenda sobre um rei muçulmano casado com uma princesa vinda de outra galáxia e meditará sobre os inconvenientes da eternidade, as consequências de uma guerra bacteriológica e os efeitos do encontro de culturas. Um livro provocante.